



Uma breve história dos negacionistas: o caso de Pedro Varela na Espanha

Daniela Ferreira Felix¹

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: danielaufrrj@yahoo.com.br

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo fazer um breve panorama dos negacionistas e apresentar o caso do negacionista espanhol Pedro Varela. Varela é dono da Livraria Europa, localizada em Barcelona, e edita livros que exaltam o regime nazista e buscam desacreditar a morte de judeus durante a Segunda Guerra. Tal estratégia faz parte de uma nova imagem que pretendem construir do que significou o regime nazista. O caso de Varela tornou-se conhecido na Espanha e para legitimar a propagação de suas ideias recorreu amplamente ao conceito de liberdade de expressão.

Palavras-chave: negacionismo; Pedro Varela; liberdade de expressão.

Abstract

This paper aims to give a brief overview of the deniers and present the case of the Spanish Holocaust denier Pedro Varela. Varela owns the bookstore Europe, located in Barcelona, and publishes books extolling the Nazi regime and seek to discredit the death of Jews during World War II. This strategy is part of a new image that aims to build what meant the Nazi regime. The case of Varela became known in Spain and to legitimize the spread of his ideas appealed widely to the concept of freedom of expression.

Keywords: denial; Pedro Varela; freedom of speech.

Caracterização do negacionismo

O negacionismo consiste em um movimento intelectual que pretende negar o planejamento nazista da morte de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Surgidos ainda logo após a Guerra, se ocupavam, inicialmente, de relativizar a forma como se deu a morte de judeus. Um dos argumentos, inclusive, era o de que Hitler não sabia o que se passava nos campos de concentração e extermínio. E foi a partir da década de 1970 que a morte de judeus no Holocausto foi negada de forma mais incisiva. Um dos primeiros trabalhos desta natureza é o do professor de história francês Paul Rassinier, em “A Mentira de Ulisses”. Rassinier guarda curiosa relação entre aspectos de sua trajetória política e seus escritos negacionistas. Rassinier, ao contrário de muitos negacionistas que são ligados a extrema-direita, pertencia à extrema esquerda, e foi inclusive prisioneiro em campo nazista. Por conta da sua experiência no campo de trabalho de Dora e no campo de concentração em Buchenwald, seus escritos seriam tomados pelos negacionistas como contendo a necessária credibilidade para questionar o que se conhecia dos campos nazistas. (MORAES, 2013). Mas, uma questão evidente em Rassinier é que ele fala dos campos que passou como se fossem campos de extermínio e coloca-se como testemunha de uma realidade que não viveu. Ainda no negacionismo francês outro nome de destaque foi o de Robert Faurisson. Em alguns artigos publicados no jornal *Le Monde* em 1979, Faurisson disse que os crematórios eram comuns para as vítimas de tifo e que nunca se achou provas de que existiram câmaras de gás em campos nazistas.¹

Assim como na França, em outros países da Europa e na América do Norte temos os mais conhecidos porta-vozes do negacionismo. Nos Estados Unidos podemos ainda identificar os nomes de David Hoogan, Arthur Butz e Willi Carto. A criação do *Institute for Historical Review* (IHR) em 1979 por Willi Carto nos Estados Unidos teve por objetivo garantir legitimidade a este movimento negacionista, na medida em que pretendia se passar por um instituto de pesquisa acadêmica fazendo revisões da história da Segunda Guerra Mundial. Vejamos como o negacionista Arthur Butz caracteriza a doença por tifo e as mortes nos campos nazistas:

Durante as duas guerras mundiais, a Alemanha foi forçada a lutar contra o tifo trazido por piolhos no tráfego constante com o Oriente. É por isso que todas as contas de entrada nos campos de concentração alemães falam de

¹ “Tentei encontrar, mas em vão, um único deportado que poderia revelar-me que ele tinha realmente visto, com seus próprios olhos, uma “câmara de gás”. Eu particularmente não queria uma abundância ilusória de provas; eu estava disposto a me contentar com uma prova, uma prova única. Eu nunca encontrei essa prova. O que eu encontrei, pelo contrário, são falsas evidências, digno dos julgamentos de bruxaria, desonrando os juízes que admitiram isso. E então eu descobri o silêncio, a vergonha, a hostilidade, levando, finalmente, a calúnia, insultos e golpes físicos.” Disponível no site do *Institute for Historical Review*, que consiste no núcleo negacionista nos Estados Unidos: http://www.ihr.org/jhr/v19/v19n3p40_Faurisson.html Acessado em 05/04/2012.

raspar o cabelo e tomar banho e outros procedimentos de despiohamento, como o tratamento de trimestres com o pesticida Zyklon. Essa também foi a principal razão para a elevada taxa de mortalidade nos campos, e para os crematórios que existia em todos. (BUTZ, 1991)

Além dessa explicação para a existência dos crematórios, a vida no campo de Auschwitz é tratada como agradável, e não um lugar que carrega marcas de um tempo difícil para os judeus:

Houve também uma piscina dentro da área do campo de Auschwitz para a utilização dos internos. Esta piscina está situada no lado sul do acampamento e fora da rota de turismo estabelecida pelas autoridades do museu para os visitantes. A razão para isso, na minha opinião, é que a presença de uma instalação de recreação não se encaixa muito bem com a imagem que eles tentam dar Auschwitz como um "campo de extermínio". (AYNAT, 1990)

Essa nova imagem que pretendem construir do que significou o regime nazista faz parte das estratégias negacionistas. A partir dessa nova imagem, constrói-se uma memória coletiva em que maus tratos, fome e a morte sistematizada de judeus não existe. E uma das características centrais do negacionismo é que pretende legitimar seus escritos como um trabalho fruto de pesquisa historiográfica. Para tanto, mesclam dados atestados pela historiografia com elementos de uma ficção construída racionalmente. Trata-se de uma questão muito importante a se considerar quando falamos em negacionismo, na medida em que almejam serem vistos como historiadores. Quando falamos de um processo de pesquisa em História, estamos falando de conhecer procedimentos e métodos próprios da disciplina que irão garantir a validade e a legitimidade dos escritos, tornando-os reconhecidos como textos historiográficos. No processo da operação historiográfica, para usarmos a expressão de Michel de Certeau, tem-se a identificação de certos elementos que, mesmo sem estarem explícitos no texto, não podem ser deixados à margem – e é a partir deles que se consegue ter uma compreensão mais apurada daquilo que é dito e da forma como isso é feito. Significa dizer que o texto em História apresenta elementos que, ao serem identificados, nos explicam não apenas o que foi produzido, mas nos revelam a partir de quais parâmetros foi concebido. Dentro desses elementos pode-se trazer a questão da subjetividade à cena, na medida em que ela nos oferece a chave para se pensar o texto historiográfico como fruto de escolhas e questões próprias de cada historiador, produzindo diferentes textos e versões. O historiador imprime em sua análise seus valores e escolhas ao longo da pesquisa, trata com as fontes a partir de questionamentos que elabora em seu tempo. Os diferentes sentidos que são produzidos pelo historiador resultam então da operação historiográfica. Mas como podemos reconhecer o que é ou não um trabalho historiográfico? O que significa admitir diferentes versões da História, mas entendê-la como um campo que tem o compromisso de falar do

passado? Moraes, ao refletir as referências metodológicas necessárias à escrita do historiador, assim define a legitimidade de um escrito historiográfico ao falar do passado:

O traço mais geral do tipo de escrita sobre o passado que é o escrito historiográfico, é a ideia de que as proposições nele contidas sejam verificáveis. Isto o faz pertencer a uma família específica de escritos, que abarca escritos das disciplinas científicas aplicadas e históricas, incluindo aí a própria história da filosofia. Mesmo variando os modos de inteligibilidade do que passou (um evento, um texto, uma pessoa, a memória, a palavra), a verificabilidade se mantém como critério de validade para as proposições apresentadas no interior da disciplina. Da mesma forma, mesmo que existam ideias distintas sobre como realizar o processo de demonstração de proposições, a ideia de que as proposições precisam ser demonstradas, é uma ideia naturalizada no campo. (MORAES, 2011)

O que os negadores do Holocausto fazem é apenas invocar que seus textos são historiografia, e fazem isso desconsiderando o próprio procedimento de demonstração das afirmações feitas. O que os negacionistas oferecem é um tipo de escrito que se pretende historiográfico, e ainda querem gozar do mesmo privilégio que a história para falar do passado. Por vezes, vamos encontrá-los intitulando-se como “revisores da história”, passando-se por historiadores, mas o que nos apresentam é uma escrita carregada de compromettimentos políticos e afinada aos discursos de extrema-direita. O que os negacionistas pretendem é reforçar a ideia de que produzem trabalhos historiográficos e a partir daí divulgar tais propostas como portadoras de uma nova versão dos fatos. Não por acaso são chamados pelos pesquisadores de negacionistas, e não revisionistas da História.

Um dos casos que ganhou notoriedade nos últimos anos aconteceu na Espanha, com o editor negacionista Pedro Varela. Este artigo tratará o caso de forma mais aprofundada nas páginas a seguir. O nome de Pedro Varela ganhou destaque na imprensa espanhola desde a década de 1980. Sua atuação como um propagador de ideias simpáticas ao regime nazista e da negação do genocídio de judeus ocorrido durante a Segunda Guerra, o levaram a responder na Justiça pelos crimes de apologia ao genocídio e incitação ao ódio racial e prática de delito contra o exercício dos direitos fundamentais e liberdades públicas².

Pedro Varela é um editor de livros com características racistas e proprietário da Livraria Europa, localizada em Barcelona. Desde a década de 1970 pertence a grupos de extrema-direita, e tornou-se em 1978 presidente de um dos grupos mais organizados da Europa, o Cedade³. Varela cresceu no meio de uma família simpática ao franquismo e é

² Sentença de Pedro Varela. Disponível em:

http://www.igualdadynodiscriminacion.org/novedades/novedades/2011/pdf/2010_sentencia_library_aeuropa.pdf Acessado em 05/07/2012.

³ Criado em 1965, era distinguido com uma associação cultural nazi e não como partido político. Foi

formado em História e Filologia alemã. Ao nos atermos a sua trajetória desde que passou a liderar movimentos neonazistas, detectamos que a ele foi atribuída grande relevância como organizador da extrema direita negacionista na Espanha. O nome de Varela ganhou o espaço público e ao pesquisarmos jornais da época, percebemos que a história de Varela, a manifestação de suas opiniões e seu caso com a Justiça espanhola foram acompanhados em matérias, reportagens e editoriais. Em um editorial no *El País* o embaixador de Israel na época, Victor Harel, colocou Varela como o conhecido “Führer nazi da Espanha”⁴. Varela foi considerado como uma das figuras mais destacadas do cenário neonazi europeu. Seu nome é um dos mais notáveis na Espanha no que diz respeito à negação do Holocausto e a propagação e difusão de ideais racistas e antisemitas. De acordo com Stephen Atkins, Varela tentou formar um partido político mas não obteve eleitorado – tratava-se do *Partido Europeo Nacional Revolucionario*. Os membros do Cedade formaram então dois grupos políticos de direita. Foram eles o *Centro de Estudios Históricos Revisionistas* em Alicante, e o *Centro de Estudios Revisionista-Orientaciones* em Palma de Mallorca (ATKINS, 2009, 131). O Cedade era um grupo que possuía vínculos com grupos nazis na Alemanha, Itália, França e, além disso, Varela estabeleceu ainda outras ligações enquanto esteve à frente da Livraria Europa. No âmbito das ações de Varela, compreende-se manifestações públicas como a de comemoração do centenário de Hitler, realização de conferências patrocinadas por sua livraria, e que teve como convidados ex-integrantes da *Ku Klux Klan*, negacionistas e ex-membros do partido nazista. Dessa forma, percebe-se que Varela não foi um simples livreiro, mas um articulador de ideias negacionistas e que ainda tornou possível a realização de eventos e a edição de materiais neonazistas. A Livraria Europa tornava-se um centro que reunia uma ideologia, uma orientação política e foi alvo de manifestações que denunciavam seu conteúdo. Um exemplo do uso político da livraria se dá em 1996, depois de uma busca realizada no local, durante a qual foram encontrados diversos tipos de material de temática nazista: suástica, busto de Hitler, propaganda nazi que nega o Holocausto, entre outros. A partir disto, o caso de Varela foi para a Justiça e transformou-se em um caso de grande repercussão pública.

Um ponto central de nossa pesquisa foi ainda a questão das fontes. Estudar o caso de Pedro Varela foi um desafio. A bibliografia acerca do caso é inexistente e por conta disso foi necessário recorrer a matérias e editoriais de jornais espanhóis desde o início dos anos 1990 e que acompanharam o caso de condenação de Varela e a repercussão pública de suas declarações quando liderou o Cedade e a Livraria Europa. Nossas fontes primárias basicamente estão disponíveis na internet, uma vez que esta constituiu em uma importante

um grupo de ideologia fascista e que pretendia influenciar a política espanhola. Teve os seguintes presidentes: 1965, Angel Ricote; 1967 Pedro Aguillar; 1970, Jorge Mota e a partir de 1978, Pedro Varela. Com Varela o grupo foi adquirindo caráter negacionista. Na mesma época patrocinou a publicação de *O Mito dos Seis Milhões*, do negacionista espanhol Joaquin Bochaca e foi responsável por organizar uma homenagem a Hitler pelo seu centenário nas ruas de Madri. O Cedade chega ao fim na década de 1990, quando Varela então passa a se dedicar a Livraria Europa, através da comercialização e produção de escritos negacionistas. Mesmo com o fim do Cedade, vários de seus membros migraram para outras organizações desta mesma natureza.

⁴ HAREL, Victor. “Negación del Holocausto y libertad de expresión”. *Jornal El País*, 25 jan 2007. Arquivo online.

ferramenta utilizada na divulgação das teorias negacionistas. As fontes foram encontradas em sites neonazistas, no Blog de apoio a Varela, na Livraria Europa e sites como o *Youtube*, em que foi possível termos acesso a vídeos de conferências realizadas pelo editor espanhol, a comemoração do centenário de Hitler e outros momentos em que confere palestras e entrevistas. As cartas de Varela a que tivemos acesso, as conferências que realizou e seus textos em sites neonazistas tornaram-se fontes relevantes para nossa pesquisa e que foram possíveis de serem consultadas por que estavam disponibilizadas *on line*. As temáticas identificadas nas fontes primárias nos permitiram traçar não só a importância que Varela dava a determinadas questões como também de que forma entendia o conceito de liberdade de expressão a fim de que suas propostas fossem difundidas. Isto nos permitiu concluir que, além de visar a difusão de ideias, Varela também quis ocupar o espaço público com seu caso. Dentro de sua proposta podemos identificar que valores como moral, religião, família, dignidade e caridade são amplamente explorados e ajudam a embasar aquilo que para Varela constitui uma boa conduta. Trata-se de uma marca registrada do livreiro espanhol trazer sempre à tona a relevância destes elementos na organização da vida social.

A ação de Pedro Varela na Espanha

Todas as temáticas que permeiam as ações de Varela estão ligadas à xenofobia, discriminação de judeus, defesa do regime de Hitler e a separação das nações a fim de evitar relações que ocasionem uma mistura de povos. Isso pode ser observado ao vermos pronunciamentos do editor espanhol, como na conferência *Vision del Mundo*⁵. Um exemplo disso é que em 1989 Varela, juntamente com outros neonazis, organizou a comemoração ao centenário de Hitler a fim de difundir os ideários nazistas. O objetivo era se reunir em um espaço privado em Madri com outros líderes nazistas, mas tal ideia foi contestada pela sobrevivente de Auschwitz residente na Espanha, Violeta Friedman - que buscou se juntar a outros movimentos para impedir a realização do ato. A Delegação de Governo da Espanha então decide suspender o ato alegando a possibilidade de apologia à violência, o que não foi acatado por Varela que, mesmo pelas ruas e com a fiscalização da polícia, prosseguiu com a comemoração. Entre as diversas declarações no dia, Pedro Varela afirmava que o único ponto negativo que recaía sobre Hitler – o gaseamento através das câmaras de gás – logo seria destruído,⁶ além de atribuir ao líder nazista uma preocupação com as questões sociais da época. A proposta de Varela, nesse sentido, é traçar uma imagem de Hitler como um líder que soube dar conta dos problemas econômicos e sociais de sua época. A partir de noções deste tipo, Varela quer atribuir ao líder nazista uma habilidade política que deveria ser revivida e, desta forma, criar uma imagem que fosse aceita da representação do regime

⁵ Ver a gravação da conferência “*Una Visión del Mundo*” realizada no México em 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=z8BCY55zgPs&list=PL6F27CAC3FBAD61EA>> Último acesso em 15/10/2013.

⁶ MERCADO, Francisco. “La concentración nazi de Madrid se celebró en la calle” Jornal *El Pais* 24 abril 1989. Arquivo online.

nazista. Este pano de fundo é o que fundamenta as propostas de Varela. No texto abaixo, tem-se um trecho do pronunciamento na ocasião do centenário de Hitler:

Vocês sabem o que a Alemanha viveu durante a República de Weimar antes de Hitler chegar ao poder? Seis milhões desempregados, a juventude perdida, um Partido Comunista crescente e potente a ponto de tomar o poder. Revoluções. Caos. Desordem (...) Este homem surgido do nada nasceu em uma família simples e artesã em Braunau. Conseguiu com poucas pessoas formar um grupo político que chegaria a 18 milhões de membros. Somente isso nos mostra sua capacidade impressionante.⁷

O Ministério Público considerou que as referências aos judeus nos livros comercializados por Varela eram pejorativas, vexatórias e humilhantes.⁸ E foi justamente contra essa limitação da difusão do discurso do ódio que se localizam as defesas do editor espanhol, colocando-se sempre como contra todo genocídio e caracterizando seu discurso como uma prática de construção do conhecimento histórico. Porém, parte da imprensa na Espanha apontava que o Código Penal não amparava discursos que tivessem por objetivo menosprezar e discriminar pessoas e grupos sociais.⁹

Quando Varela foi julgado em 1998, o grupo do SOS Racismo¹⁰ acreditou que a pena aplicada poderia servir como exemplo para limitar novas manifestações desta natureza. E para o promotor do Tribunal Superior de Justiça da Catalunha, a criminalização da defesa do genocídio defenderia direitos fundamentais, uma vez que suas manifestações eram incitação ao ódio e menosprezo aos judeus:

O promotor-chefe do Tribunal Superior de Justiça da Catalunha (TSJC), José Maria Mena, defendeu ontem a criminalização da defesa de genocídio como o Código Penal espanhol prevê, no que este comportamento é punível por entre um e dois anos. Mena disse que "temos de manter um certo radicalismo democrático contra as opiniões nazi de desprezo pelos direitos humanos e fundamentais". (RIOS, 1999)

⁷ "Pedro Varela: Cedade, Madrid 1989". Comemoração ao centenário de Hitler. 22'32" Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=5P76M59oCuI> Último acesso em 29/06/2013.

⁸ RÍOS, Pere. "La fiscal asegura que no se persiguen las ideas de Pedro Varela, sino la xenofobia y el racismo". Jornal *El País*. 18 de outubro de 1998. Arquivo online.

⁹ Editorial "Condena a un nazi" Jornal *El País*. 17 de novembro 1998. Arquivo online.

¹⁰ O SOS Racismo consiste em uma associação que busca combater casos de racismo e xenofobia, visando contribuir com a defesa de direitos fundamentais.

Aqui se identifica justamente o confronto entre as duas partes dos direitos fundamentais e os problemas do Código Penal, que foram solucionados com as leis que possibilitaram criminalizar as ações de Varela. A possibilidade de outras manifestações desta mesma natureza poderia existir pela falta de leis. Mas algo que nos chama a atenção é o fato de que o número de ataques nazis aumentou com o julgamento de Varela. A polícia na época acreditou que o editor espanhol estaria tornando-se um símbolo de luta, um mártir e um elemento de coesão entre neonazis. A Livraria Europa seria ainda um ponto de encontro de *skinheads*, favorecendo o contato e a ligação ideológica entre eles -homens abertamente favoráveis à discriminação de certos grupos sociais, e Varela - intelectual que partilha do mesmo ideal em seu discurso. Um discurso que pretende reabilitar uma nova memória do Terceiro Reich, mas que encontra ferramentas para se ocultar. Exemplo disso é quando utiliza um argumento de defesa de que não necessariamente teria conhecimento de todo conteúdo que está nos livros comercializados pela Livraria e que também não estaria de acordo com tudo que publica. Porém, em sua sentença, a Justiça não admite que esse argumento se sustente:

...o réu é o editor de todos e de cada um dos livros em que as acusações são baseadas ao exercitar suas ações. Assim como tal editor é responsável pela edição, embora o Sr. Varela argumenta que ele não tinha conhecimento de todos os livros, apesar de reconhecer que ele tinha lido alguns deles. Esta afirmação não é plausível porque este tribunal pode apreciar um exame da prova documental, que no livro "Guarda de Ferro ", o Sr. Pedro Varela, como tal, assinou o prefácio. (...) Por uma questão, não se esqueça que os editores são regra tão comum no mundo da edição, que diretamente ou através de Terceiros, mas sob a sua supervisão, execute as resenhas de livros e que aparecem nas contracapas, e isso só é possível se você tiver um conhecimento prévio e minucioso do conteúdo deste livro, cuja revisão está realizando.¹¹

Em 1992 Pedro Varela foi detido na Áustria por fazer uma homenagem a Hitler, prática proibida no país, e correu o risco de ser condenado de 2 a 20 anos de prisão. No ano seguinte a Justiça austríaca aceitou a defesa de Varela, de que desconhecia as leis austríacas que condenavam tal ação e ele foi, assim, absolvido.¹² O jornal *El País* na época informou que o Ministro do Interior austríaco proibiu a entrada de Pedro Varela e o considerava uma figura importante entre os neonazi europeus. É relevante ressaltar que Varela era investigado pela polícia secreta austríaca e eles tinham em posse um vídeo em que Varela apresenta

¹¹ Sentença de Pedro Varela disponível em:

http://www.igualdadynodiscriminacion.org/novedades/novedades/2011/pdf/2010_sentencia_library_aeuropa.pdf Acessado em 05/07/2012.

¹² SCHNITZER, Vivianne. "Absuelto en Austria el agitador neonazi Pedro Varéla por ignorancia de las leyes" Jornal *El País* 10 de dez 1993. Arquivo online.

Hitler como “herói dos heróis” e que possuía propostas que poderiam ser aplicadas atualmente.¹³

O caso de Varela com a justiça

Na época em que Varela enfrentou problemas com a Justiça é possível encontrarmos manifestações públicas contra a Livraria. Na época da condenação, cerca de 1.600 pessoas protestaram a favor do fechamento da Livraria e queimaram alguns livros do estabelecimento. Mas o juiz responsável pelo caso entendeu que o fechamento da livraria não seria necessário, por que o Código Penal não previa essas medidas.¹⁴ Alguns anos depois, em 2010, cerca de 20 pessoas disfarçadas atacaram a livraria destruindo livros e equipamentos, num ato violento que foi atribuído por Varela à extrema-esquerda espanhola devido a problemas de inimizade política.

Em 2007 a Justiça entendeu que justificar o genocídio seria crime, mas a questão da negação do Holocausto não seria, uma vez que ela entraria no âmbito da liberdade de expressão. Nesse momento a Livraria Europa organizava uma conferência com o ex líder da *Ku Klux Klan* David Duke, a fim de que apresentasse seu livro “*El Supremacismo Judío*”. Mas, por determinação do governo, a comunicação de Duke seria filmada pela Polícia com a intenção de registrar qualquer declaração que infringisse o Código Penal. Ao saber que o ato seria registrado, Duke decidiu suspendê-la alegando que isso significaria ferir sua liberdade de expressão. Ainda nessa época Duke defendeu-se, colocando-se como contra todo tipo de ódio racial, violência e opressão.¹⁵ Na mesma época o historiador negacionista inglês David Irving também foi convidado a realizar uma conferência na livraria, sendo esta também gravada pela polícia espanhola.¹⁶

À medida que a questão de Varela era discutida, os promotores pediram, em janeiro de 2010, uma pena de 4 anos para o editor, por difundir ideias que justificavam o Holocausto¹⁷. Nos argumentos então utilizados pela defesa, o livreiro espanhol se coloca como um alguém que não necessariamente está de acordo com tudo que sua livraria publica, que sua intenção é de apenas atender uma demanda. A imagem que tece de si mesmo é então comparada a pessoas como Jesus Cristo, Joana D’arc e Gandhi, caracterizadas como pessoas que sofreram perseguição e depois tornaram-se representativos para o mundo.¹⁸ Toda a argumentação de defesa girava em torno da questão

¹³ *Idem*. Ainda segundo essa edição do jornal espanhol, o vídeo que a polícia austríaca tinha acesso era de uma reunião entre neonazis na cidade de Weyner em 1991.

¹⁴ EP. “Manifestación de 1.600 jóvenes para pedir el cierre de la librería Europa” *Jornal El Pais*. 17 de jan 1999. Arquivo online.

¹⁵ Revista AAARGH Espanha – num 22. Disponível em <http://www.vho.org/aaargh/espa/solavaya.html>

¹⁶ David Irving foi já condenado na Áustria no ano de 2006 por negar o Holocausto e as câmaras de gás em Auschwitz.

¹⁷ “El fiscal pide 4 años para el dueño de la librería Europa” *Jornal El Pais*, 23 de jan 2010. Arquivo online.

¹⁸ Varela declara na época que quem faz algo interessante, sofre perseguição. GARCÍA, Jesús. “El

de que a Justiça cerceava o direito à liberdade de expressão de Varela, enquanto a acusação pontuava que o problema nas ações de Varela estava ligado não ao fato de opinar, mas que o conteúdo por ele difundido feriria princípios dos direitos fundamentais:

Varela foi apresentado no julgamento como sempre, como um simples livreiro, mas o juiz considera que as obras que comercializava recomendam a segregação racial e supõe "um desrespeito ao povo judeu e outras minorias." Tratam-se de livros "unidirecionais em termos de conteúdo, com uma absoluta falta de pluralidade" e "dirigidas a uma única linha de pensamento", diz o juiz. Em outra passagem da sentença garante que os livros neo-nazistas vendidos por Varela "o fez responsável pelos males do mundo para o povo judeu", diz que os negros são inferiores, que a melhor maneira de respeitar as raças é a segregação; que a miscigenação trará o fim da civilização, como aconteceu em Roma ou a Grécia, que as mulheres não devem ter os mesmos direitos que os homens". (JORNAL EL PAIS, 2011)¹⁹

A partir deste julgamento, foi então imposta pelo juizado Penal nº 11 de Barcelona a pena de 2 anos e 9 meses a Varela, que foram assim entendidos: por difusão de ideias que eram simpáticas ao genocídio teve pena de um ano e três meses e por atentar contra os direitos fundamentais e as liberdades de publicas garantidas pela Constituição obteve um ano e seis meses. Após a condenação, Varela cumpriu pena no presídio de *Brians* em Barcelona. Durante o período em que esteve preso, as manifestações de apoio a Varela continuavam a existir no blog *Libertad Pedro Varela* e, depois de cumprir pena e ser solto em março de 2012, prosseguiu com suas atividades na Livraria sob o argumento de que sua luta era contra a repressão.²⁰

As ideias criadas e difundidas por Varela buscam sustentar-se no espaço público a partir da tentativa de se estabelecer como uma escrita legítima do passado, como fruto de reflexões no campo da História. Para defender o tipo de obra que comercializa e escreve, Varela posiciona-se como historiador, reproduzindo uma prática constante dos negacionistas, que consiste em tentar afirmar-se publicamente recorrendo à legitimidade de que gozam os historiadores para falar sobre o passado. A partir das manifestações de Varela, o que se verifica é um desprezo pela forma democrática de governo, ao tomá-la como inoperante frente aos desafios que se impõe a sociedade. Por conta disso, as propostas políticas do

neonazi Pedro Varela dice a la juez que el Holocausto fue un mito". *Jornal El Pais*. 30 de jan 2010. Arquivo online.

¹⁹ EP. "El Supremo revisa la condena a una librería de Barcelona por vender material nazi." *Jornal El País*. 30 de mar 2011. Arquivo online.

²⁰ OMS, J. "Sale en libertad el dueño de la filonazi Librería Europa tras cumplir 15 meses de cárcel" *Jornal El Mundo*. 15 de mar 2012. Arquivo online.

editor espanhol estão embasadas em um sentimento favorável à implantação do nacional socialismo, tomando-o como opção possível e desejável de ser revivida. E, juntamente com tal opção, existe uma exaltação a figura de Hitler e sua conduta frente ao governo alemão. Para fundamentar suas propostas como aplicáveis aos dias atuais, Varela quer localizar seu contexto político como comparável aos anos 30, em que a Alemanha teria se reerguido graças a presença de um líder político que levou em consideração seus problemas à época e que, portanto, personalidades como Hitler seriam desejáveis:

...a História nunca é previsível. Há sempre mudanças imprevisíveis, crises naturais, econômicas, sociais, movimentos que surgem. Ninguém poderia prever o surgimento de Hitler após a Primeira Guerra Mundial. Havia uma crise econômica, o sistema estava completamente imposto na Europa central. De repente surge um senhor que é jovenzinho, que quase não tem estudos universitários, que é um gênio, que se formou ele mesmo de forma autodidata nas bibliotecas, e praticamente põe em marcha o país mais culto da Europa. Isto é possível sempre. Não sabemos onde estão os dirigentes, em que biblioteca se escondem e onde estão estudando. E logo também não sabemos até que ponto a natureza e as leis divinas suportarão este sistema anti-natural.²¹

Varela quer exaltar que a figura de Hitler aparece e ajuda a Alemanha a se estabilizar num momento de crise. E assim pretende reforçar a ideia de que um líder com as características do dirigente nazista é capaz de colocar o país numa posição favorável. Na exposição de seus argumentos, perceberemos na citação adiante que Varela pretende desqualificar a democracia recorrendo à discriminação racial, por entender que o conceito traz em si elementos que acabam por diminuir o nível educacional da sociedade:

O sistema democrático é difícil. (...) Ele tenta rebaixar o nível educativo nas escolas e nas universidades para baixo. Na Espanha temos o problema dos imigrantes africanos que tem o nível cultural muito baixo, mas para que não se sintam discriminados, se baixa o nível cultural da educação.²²

E aqui Varela buscar associar outro problema referente à educação como fruto do

²¹ Una visión del Mundo 07. Palestra de Pedro Varela. 8'11". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z8BCY55zgPs&list=PL6F27CAC3FBAD61EA> Último acesso em 15/10/2013.

²² Una visión del Mundo 04. Palestra de Pedro Varela. 8'12". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z67_pbnVPwg&index=4&list=PL6F27CAC3FBAD61EA Último acesso em 15/10/2013.

sistema democrático que, trazendo em seu bojo o conceito de igualdade, nivela todos que estão sob seu poder de atuação. Varela foi um nome conhecido na sociedade espanhola, ganhando as páginas dos jornais e seu caso sinalizou a necessidade de se criar leis a fim de criminalizar manifestações negacionistas. O conceito de liberdade de expressão foi muito utilizado em sua defesa, a fim de que conseguisse propagar os ideários nazistas sem sofrer restrições.

Conclusão

A negação da morte de judeus durante o regime nazista ocorre desde a década de 1970, e trata-se de um fenômeno que ganhou cada vez mais proporções e mais adeptos. Pedro Varela se insere nesse grupo, conhece processo de condenação no momento em que o Código Penal espanhol foi reformado e constrói seu discurso buscando amparar-se no argumento da liberdade de expressão. Quando examinamos as cartas de Varela, seus textos e assistimos aos vídeos, percebemos essa característica difusora das ideias negacionistas e o interesse em tornar viável um regime com as propriedades do nazismo. As temáticas identificadas nas fontes primárias nos permitiram traçar não só a importância que Varela dava a estas questões como também de que forma entendia o conceito de liberdade de expressão a fim de que suas propostas fossem difundidas. Isto nos permitiu concluir que, além de visar a difusão de ideias, Varela também quis ocupar o espaço público com seu caso. Não houve apenas um sentimento de vítima ou de injustiçado, como o editor espanhol sempre deixava evidente em suas argumentações de defesa. Mas houve ainda a intenção de levantar um debate a fim de que fosse notado. E, ao nos atermos ao processo de difusão destas ideias através da pesquisa, pudemos reconhecer em Varela um tipo de atuação dos negacionistas: como publicista. Varela não foi um criador de novas ideias ou teorias negacionistas, mas foi um difusor delas e, por ter a Livraria Europa inserida em um contexto que lhe permitia atuar com alguma liberdade, Varela editou livros, realizou conferências e imprimiu revistas desta natureza. Assim sendo, pudemos verificar a existência de diferentes papéis dentro de um mesmo movimento e assim compreender as atuações dos negadores na História, tanto na construção quanto na propagação do negacionismo. Pedro Varela confeccionou alguns livros, textos e tornou pública aparições em que defendia suas propostas políticas. Não há nesse material ideias inovadoras, do ponto de vista da inserção de novos elementos na escrita negacionista. Ao contrário, Varela se inspirou em autores negacionistas. Mas o destaque de sua atuação no campo se deu pelo fato de atuar no papel de publicista e articulador de nomes de destaque dentro do campo, organizando reuniões, conferências, lançamento de livros e impressão de materiais. O conceito de liberdade de expressão é requerido por Varela na busca por legitimar o que propaga e assim tornar o discurso do ódio acessível, aceito como uma manifestação livre e comum de opinião.

Cada país, cada sistema jurídico, elabora suas próprias formas de lidar com o fenômeno do negacionismo. A criminalização dos negadores do Holocausto é debatida e muito preocupa-se com os rumos deste discurso, ao terem ampla liberdade para se

manifestar. Para a História interessa compreender o que engendra o discurso negacionista e de que forma as motivações para se recriar uma nova imagem do passado buscam tornar legítimas as ideias que, um dia, foram de destruição.

Referências bibliográficas

Fontes:

AAARGH – Site Neonazista. Disponível em: <http://www.vho.org/aaargh/esp/solavaya.html>

Blog *Libertad Pedro Varela*.

Disponível em www.libertadpedrovarela.org

Cartas de Pedro Varela

Entrevista de Pedro Varela concedida à *Alerta Digital TV*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=c0A8HR1GI1Q>. Acesso em 29/06/2013

Institute for Historical Review -. Disponível em: <http://www.ihr.org/>

Jornal *El Mundo*

Jornal *El País*

“*La Mentira del Holocausto*” Palestra proferida na Argentina pelo negacionista inglês David Irving, no ano de 1991.57’55” Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=n5Pt4edqplU>

Livraria Europa

Disponível em <http://www.libreriaeuropa.es/>

“Pedro Varela: Cedade, Madrid 1989”.Comemoração ao centenário de Hitler. 22’32” Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=5P76M59oCul>Acesso em 29/06/2013

Sentença de Pedro Varela. Disponível em:http://www.igualdadynodiscriminacion.org/novedades/novedades/2011/pdf/2010_sentencia_libreriaeuropa.pdf Acesso em 05/07/2012.

VARELA, Pedro. *Ética Revolucionaria*. Thule Editora, 1973.

“*Una visión del Mundo 04*”. Palestra de Pedro Varela. 8’11” Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z67_pbnVPwg>Acesso em 15/10/2013

“*Una visión del Mundo 05*”. Palestra de Pedro Varela. 8’11” - Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=XpMpCSR5rM0&list=PL6F27CAC3FBAD61EA&index=5> Acesso em 15/10/2013

“Una visión del Mundo 07”. Palestra de Pedro Varela. 8’11” Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z8BCY55zgPs&list=PL6F27CAC3FBAD61EA> Acesso em 15/10/2013.

Bibliografia:

AROSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica. Teoria e método*. São Paulo: Edusc, 2006.

ATKINS, Stephen E. *Holocaust denial as an international movement*. Praeger Publishers, USA, 2009

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001

BRUGGER, Winfried. *Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano*. Doutrina Estrangeira.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.

Código Penal Espanhol – 1995. Disponível em: http://noticias.juridicas.com/base_datos/Penal/lo10-1995.html Acesso em 21/02/2013

COHN, Werner. *Partners in Hate. Noam Chomsky and the Holocaust Deniers*. Wordsworth Editions Ltd 1995. Disponível em <http://wernercohn.com/Chomsky.html#anchor13840> Consultado em 05/04/2013

Convenção para a proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais. Disponível em: http://www.echr.coe.int/NR/rdonlyres/7510566B-AE54-44B9-A163-912EF12B8BA4/0/POR_CONV.pdf Acesso em 24/10/2012

CRUZ, Natália dos Reis. *Negando a história: a Editora Revisão e o neonazismo*. Rio de Janeiro, UFF, 1997. (Dissertação de mestrado)

CYTRYNOWICZ, Roney. “As formas de lembrar e o estudo do Holocausto”. In: Milman, Luis e Vizentini, Paulo Fagundes (Orgs) *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. UNESCO, Brasília, 1998. <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>

DWORK, Debórah. PELT, R. Jan van. *Holocausto. Uma História*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2004

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Tradução de Sergio Alcides. Seleção de Heloisa Buarque de Hollanda. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória. Revisão Editora e as estratégias da intolerância. (1987-2003)* São Paulo; Editora Unesp, 2006

JIMÉNEZ, José L. Rodríguez. Antisemitism and the Extreme Right in Spain (1962–1997): <http://sicsa.huji.ac.il/15spain.html>

JOSEPH, Jonathan. Holocaust Denial Legislation..., Working Papers du Centre Perelman de philosophie du droit, n° 2008/3.

KRAUSE-VILMAR, Díetfrid. “A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo: desafios para a ciência e para a educação política”. In: MILMAN, Luis. VIZENTINI, Paulo F.(orgs) Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político. Porto Alegre, UFRGS, 2002.

KERSHAW, Ian. *Hitler. Um perfil no poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MARRUS, Michael. *A Assustadora História do Holocausto*. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2003.

MILMAN, Luis e VIZENTINI, Paulo Fagundes (Orgs) *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

MORAES, Luis Edmundo de Souza. “Revisionismo negacionista”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

_____. “Lembrar o Holocausto hoje”. In: Revista NIEJ, 2009. Disponível em: http://www.niej.org.br/wp-content/uploads/2009/06/edicao1-final_capa7.pdf.

_____. “O Negacionismo e as Disputas de Memória: Reflexões sobre intelectuais de extrema-direita e a negação do holocausto”. In: Anais do XIII Encontro Nacional da ANPUH-Rio. Seropédica, 2008.

_____. Negacionismo: a extrema direita e a negação da política de extermínio nazista. Revista Tempo Presente. Universidade Federal Fluminense, RJ, 2013. Disponível em:

http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5832:negacionismo-a-extrema-direita-e-a-negacao-da-politica-de-extermínio-nazista&Itemid=224

_____. O Negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o Passado. Anais da ANPUH, SP, 2008. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312810501_ARQUIVO_ANPUH-2011-ARTIGO-Luis_Edmundo-Moraes.pdf

NORA, Pierre. “Entre Memoire e Histoire” In Nora, P. (Dir.) *Les Lieux de Memoire: La République, Vol I*. Paris: Galimard, 1984 (a).

POLLACK, Michel. “Memória, Esquecimento e Silêncio”. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989. p.4-15

_____. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

- RICOUER, P. A Memória, a História e o Esquecimento. Campinas: Editora Unicamp, 2008
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* – Beatriz Sarlo; tradução Rosa Freire d’Aguilar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SARMENTO, Daniel. A Liberdade de Expressão e o Problema do “Hate Speech”. Paper.2006. In: SARMENTO, Daniel. Livres e iguais: estudos de direito constitucional. Rio de Janeiro: lúmen juris, 2006.
- STERN, Kenneth S. Holocaust Denial. The American Jewish Committee. New York. 1993
- SILVEIRA, Renata Machado. Liberdade de expressão e discurso do ódio. Belo Horizonte, PUC-MG, 2007.
- SORLIN, Pierre. *O Anti-Semitismo Alemão*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.
- STACKELBERG, Roderick. A Alemanha de Hitler. *A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- VIDAL-NAQUET P. Os Assassinos da Memória. Campinas: Papyrus, 1988.
- WHITE, Hayden. Trópicos do Discurso. SP, Edusp; 2001.